

**CVM** CENTRO DE ESTUDOS VICTOR MEYER

**Projeto: Recuperação do acervo da ORM – Política Operária**

**REUNIÃO NACIONAL SOBRE O TRABALHO NA MASSA OPERÁRIA**

Documento da ORM - PO, publicado em: 1968  
Documento digitalizado em: 20.05.2009  
Fonte: Acervo Victor Meyer

# REUNIÃO NACIONAL SOBRE O TRABALHO NA MASSA OPERÁRIA

*A reunião nacional sobre o trabalho na massa operária realizada em fevereiro de 68, para fazer um balanço das experiências e traçar novas diretrizes, tomou as seguintes deliberações:*

*1 - sintetizar os relatórios feitos sobre o movimento sindical em cada Estado e enviá-lo para os militantes terem conhecimento da situação, ao mesmo tempo em que recomenda um estudo maior para sabermos mais a respeito das tendências predominantes no movimento operário organizado e das experiências de luta da classe.*

*2 - aprovar o documento transcrito abaixo e, ainda, anotar os seguintes pontos:*

- a) divulgar os cálculos do aumento do custo de vida desde 63 para fundamentar as reivindicações atuais do reajuste de 60 %;*
- b) estudar a colocação da escala móvel de salários como palavra de ordem;*
- c) recomendar a discussão sobre os comitês de empresa nas conferências regionais;*
- d) fazer acompanhar a propaganda da greve geral com a denúncia da lei de greve;*
- e) a greve branca ou tartaruga deve ser tentada em níveis locais, mas não ser lançada como palavra de ordem geral;*
- f) deve ser colocado como reivindicação sindical o pagamento do aumento a partir da data base e não da instauração do dissídio;*
- g) criar as condições para um 2<sup>o</sup> encontro onde se deverão discutir problemas mais específicos de uma plataforma de ação - fundo de garantia, lutas na questão da insalubridade, etc. - além do comitê de empresa;*
- h) intensificar os boletins operários e criá-los onde ainda não existem.*

*3 - além disso, com base nos relatórios de trabalho em cada Estado, foram tiradas deliberações específicas.*

## Sobre o Trabalho na massa Operária

**1.** O desenvolvimento atual da luta contra o arrocho abre as perspectivas para nossa atuação política a partir da luta econômica dos trabalhadores. Enquanto a tendência natural do reformismo será culminar a campanha com pedidos e memoriais ao governo, nós nos diferenciamos por fazer dessa campanha uma luta contra o governo. A tendência reformista já se manifesta a partir dos métodos dos abaixo-assinados e da ausência de perspectivas de ação nas assembleias contra o arrocho. A tendência revolucionária - expressa apenas nas declarações dos operários revolucionários - ainda não apresentou uma forma claramente diversa para o encaminhamento da luta. Não basta apenas colocarmos a necessidade de organizarmos nas empresas e de denunciarmos a burguesia; além disso é preciso apresentar um meio revolucionário de derrubarmos o arrocho. Será preciso apresentar a perspectiva da greve geral nacional como culminação da luta e única maneira de arrancarmos a conquista das classes dominantes e fazermos avançar o conjunto da classe operária.

O MIA que reúne os sindicatos mais combativos, traz também todas as limitações do próprio sindicalismo, principalmente seu caráter de cúpula e sua tendência a entregar os destinos da luta nas mãos dos deputados da oposição burguesa. Mas como reflexo da radicalização

na classe operária manifesta-se também um setor revolucionário no MIA. Nossa posição deve ser de fortalecer o MIA, trazendo não só sindicatos mas principalmente operários de base, fazendo assembléias locais, de fábricas ou cidades. Através da coordenação pelas cúpulas podemos influenciar direções novas, mas o mais importante é a penetração nas bases, forçada a tendência à organização nas fábricas.

Para enfrentarmos as formulas conciliadoras da burguesia ("afrouxo") ("salário de emergência", etc.) e dos pelegos (a proposta de encerramento da campanha a 12 de maio com o discurso de deputado autor de proposta contra a lei 4725) devemos difundir o mais possível os objetivos da classe, fazendo-os aprovar onde possível:

a) revogação completa da lei do arrocho, passando os reajustes a serem feitos de acordo com a elevação do custo de vida e da produtividade;

b) reajuste geral e imediato de 60\$ para recuperar o que foi tirado desde 64.

**2.** Na nossa propaganda e na nossa agitação a palavra de ordem dos "comitês de empresa" permanece recebendo uma ênfase toda especial: ela visa mostrar a necessidade da organização autônoma pelas bases, A organização dos comitês de empresa em escala generalizada depende ainda de um aprofundamento das lutas. Mas em alguns locais já encontramos embriões evidentes dos comitês e então devemos orientar concretamente o caminho para o seu desenvolvimento. Um problema que se coloca é o de se devem ser legais ou clandestinos. Para deixar claro devemos estabelecer de início que a importância dos comitês de empresa estará em função de sua representatividade perante os operários da fábrica; para isso ele não pode ficar secreto para os operários e, além disso, ele deverá necessariamente conduzir as lutas locais. Isso não exclui - antes pelo contrário - a necessidade de um esquema clandestino (um núcleo revolucionário ou a célula da O.) por trás do comitê, nem exclui que, até que ele se imponha aos companheiros da empresa guarde-se de uma ação ostensiva. Mas devemos saber distinguir as tarefas da propaganda revolucionária da célula comunista, das tarefas de organização e mobilização do comitê, que devem sempre respeitar o grau de consciência dos operários da empresa.

**3.** A colocação da greve geral como perspectiva para o desenvolvimento da luta contra o arrocho tem em vista a própria formação da classe. Visa em primeiro lugar abrir os olhos para os métodos de luta proletários. Ela se coloca hoje em nossa propaganda mesmo sabendo que não existem condições a curto prazo para sua efetivação. Com isso queremos justamente apontar para as perspectivas a longo prazo, apontar para o tipo de luta que a classe operária deve se preparar. Colocamos a greve geral como culminação da luta contra o arrocho porque é essa luta que permite hoje unificar toda a classe e é ela que mobiliza a massa presentemente. Isso não impede que amanhã liguemos a greve geral a outros problemas. O importante é apresentar para a mobilização atual da classe um desfecho de luta.

Para nós, revolucionários, o desfecho mais favorável da campanha atual consiste na conquista da reivindicação através da luta própria da classe: é isso que devemos mostrar.

**4.** Nós ainda não temos aproveitado os sindicatos como poderíamos. Isso se deve ao nosso despreparo diante dos problemas concretos da luta sindical. É preciso saber manejar os meios legais de luta para prepararmos as massas da classe para usar os ilegais. Devemos nos capacitar para sabermos conduzir as lutas salariais, a luta contra o Fundo de Garantia, contra cada ameaça de intervenção, a luta por atrasados ou dispensas ou fechamento de empresas. É preciso saber - ou estar aparelhados - para saber no momento preciso (assessorias com advogados trabalhistas) as soluções legais para cada problema. É claro que isso não quer dizer que a luta sindical deverá se enquadrar no que permite a legislação, mas sem o seu conhecimento, sem o seu aproveitamento, nunca poderemos unir nossa agitação a uma liderança efetiva na massa.

Ao traçarmos as diretrizes para o trabalho sindical estaremos preparados para

aproveitarmos de fato as possibilidades do sindicato e influenciarmos os setores próximos a nós e que só se aproximarão mais se soubermos lhes orientar nos problemas concretos que enfrentam.

Para nós os sindicatos terão já um papel positivo na medida em que forem utilizados para a organização nas empresas e em que eduquem o proletariado para a luta de classes, isto é, em que travem as lutas na perspectiva de um combate contra um regime inimigo. Entre nós por isso a luta contra a dominação ministerial e pela liberdade sindical se destaca no nosso trabalho nos sindicatos.

**5.** Alguns setores levantam hoje a bandeira de uma Central Única dos Trabalhadores. Tendo em vista as condições atuais da classe e o estágio da sua luta tal bandeira só poderá desviá-la de suas reais tarefas. Ao invés de olhar para a mobilização pelas bases, se olhará simplesmente para a coordenação de cúpulas que, hoje, nada ou quase nada representam. Nas condições atuais uma central sindical só poderia refletir o domínio dos pelegos sobre o movimento operário organizado. Por isso não temos interesse em desviar a luta para tais objetivos, o que só enfraqueceria os esforços onde eles devem ser concentrados: na organização nas empresas fundamentalmente, na preparação para a luta contra o governo e os patrões. Como somos em princípio favoráveis a uma central sindical, pela qual deveremos lutar em outra etapa da luta, onde for levantada a palavra de ordem da "Central Única de Trabalhadores" deveremos intervir para mostrar o trabalho prévio que é necessário nesse caminho. Ele pode se resumir na libertação dos sindicatos da tutela ministerial. Ao colocarmos que lutamos por uma central sindical de sindicatos livres mostramos que a luta atual é pela libertação dos sindicatos. E, por isso mesmo, a campanha pela central não deverá nos desviar a atenção no presente momento e nem mesmo a "central sindical de sindicatos livres" consiste em palavra de agitação e propaganda geral nossa; trata-se apenas de uma alternativa onde a questão for colocada.

**6.** Onde mais temos de nos concentrar é na agitação e propaganda baseadas na literatura de denúncia, É o desenvolvimento de toda uma literatura de boletins, jornaizinhos locais, regionais, etc, que cria bases operárias combativas e disciplinadas e, ao mesmo tempo, nos transforma decisivamente em organização de vanguarda da classe,

Em "*Aspectos práticos do trabalho operário*" já apontamos o efeito dessa literatura de denúncia sobre a consciência de classe operária. Ao apresentar os fatos da exploração capitalista e ao apontar a luta da classe, nossa propaganda e agitação formam uma consciência política do proletariado. Certamente o desenvolvimento da consciência de classe exige outros fatores. Já tratamos em outros lugares do papel que desempenha um foco guerrilheiro quando aponta na prática uma alternativa política à ditadura burguesa. Também o jornal nacional tem o papel de dar uma orientação revolucionária para a ação do movimento operário diante da luta política. Mas nada disso ainda substitui a necessidade dessa imprensa local, que levanta os problemas locais e mostra neles a manifestação de uma exploração de classe e de uma solidariedade e luta de classe contra a exploração. Para uma classe operária como a nossa, que nunca recebeu uma educação socialista, esse trabalho é absolutamente necessário e o começo que nos estamos dando a isso deve se intensificar, concentrando-se em áreas mais decisivas da classe.

Lênin já nos ensinou no seu "*Que fazer?*" como essa imprensa é também uma organizadora coletiva. Devemos extrair as conseqüências dessa lição. Se pensamos em aproveitar de fato a imprensa como organizadora dentro das empresas, devemos saber como estabelecer a melhor divisão de trabalho para feitura e distribuição dos boletins, tendo em vista a constituição de uma rede em torno do boletim. O fornecimento das notícias, a formação de fundos para a ajuda ao jornal e a distribuição cuidadosa dele exigem um planejamento sistemático e é justamente a rede de colaboradores em todos os níveis da imprensa que se constitui na organização dentro das empresas. Se o nosso passo imediato terá que ser agora nossa solidificação no movimento operário, está claro que todos os nossos cuidados devem se voltar para esse trabalho nas empresas.

(Fevereiro de 1968)